

Um ensaio sobre a libertação

Herbert Marcuse

Coleção **Grande Recusa**
Volume I





**Um
ensaio
sobre a
libertação**

Herbert Marcuse

Um ensaio sobre a libertação (Coleção Grande Recusa)

Copyright © 2024 The Estate of Herbert Marcuse

Copyright © 2024 Editora Filosófica Politeia para a edição brasileira

Direção da Coleção Grande Recusa	Silvio Ricardo Gomes Carneiro
Tradução	Humberto do Amaral
Organização, revisão técnica e notas	Silvio Ricardo Gomes Carneiro Juliano Bonamigo Ferreira de Souza
Revisão	Joana Lopes Acuío Lucas Bittencourt Vasconcellos
Projeto gráfico	Juliano Bonamigo Ferreira de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M322e Marcuse, Herbert

Um ensaio sobre a libertação / Herbert Marcuse ;
traduzido por Humberto do Amaral.

– São Paulo : Editora Filosófica Politeia, 2024.

192 p. ; 14 cm x 21 cm. — (Coleção A Grande Recusa ; v. 1)

Tradução de: An Essay on Liberation

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-65-88230-07-7

1. Filosofia. 3. Filosofia contemporânea. 4. Filosofia política.

4. Herbert Marcuse. 5. Marxismo. 6. Capitalismo.

I. Amaral, Humberto do. II. Título. III. Série

2023-3633

CDD 100

CDU 1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático

1. Filosofia 100
2. Filosofia 1

A reprodução parcial sem fins lucrativos deste livro, para uso privado
ou coletivo, em qualquer meio, requer autorização prévia dos editores.

ISBN: 978-65-88230-07-7

1ª edição, 2024

Editora Filosófica Politeia

São Paulo, março de 2024

www.editorapoliteia.com.br

 facebook.com/editorapoliteia

 [@editorapoliteia](https://instagram.com/editorapoliteia)

Um ensaio sobre a libertação

Herbert Marcuse

Coleção **Grande Recusa**
Volume I



editora politeia

Sumário

Apresentação da Coleção Grande Recusa	vii
<i>Silvio Carneiro</i>	
Nota sobre a tradução	xv
<i>Juliano Bonamigo Ferreira de Souza</i>	
Prefácio à edição brasileira: <i>Libertar a liberdade</i>	xix
<i>Wolfgang Leo Maar</i>	
Agradecimentos	3
Prefácio	5
Introdução	9
I. Um fundamento biológico para o socialismo?	13
II. A nova sensibilidade	27
III. Forças subversivas — em transição	47
IV. Solidariedade	71
Notas dos organizadores	83
Índice onomástico	117
Índice remissivo	119
Bibliografia	
Bibliografia <i>Um ensaio sobre a libertação</i>	127
Bibliografia da edição brasileira	129

Apresentação da Coleção Grande Recusa

Silvio Carneiro

“A Grande Recusa se manifesta de várias formas.”
Marcuse, *Um ensaio sobre a libertação*

O título Grande Recusa faz ao público leitor um convite. Operamos aqui um conceito central da Teoria Crítica de Herbert Marcuse e, com isso, refletimos não apenas as ideias do filósofo alemão, mas suas contribuições para hoje. Essa compreensão resume em grande medida a intenção dos volumes desta coleção.

Partir da Grande Recusa significa abrir-se ao protesto contra as coisas tal como estão dispostas (um mundo sem alternativas, diriam os neoliberais) e, com isso, fazer emergir a possibilidade de mundos e vidas diversos daquele a que nos submetemos hoje, mostrar formas sociais que se estabelecem como espectros de libertação, na contracorrente das contradições acumuladas do capitalismo.

Como resultado, a Grande Recusa compreende um campo de indeterminação precioso. Observador atento das lutas sociais devidas às contradições imanentes ao capitalismo, Marcuse reconhece que a Grande Recusa está longe de ser uma negação abstrata do sistema, mas que se manifesta de diversas formas.¹ São desejos e aspirações alternativos e diversos que renegam o poder massivo da exploração capitalista, mesmo em suas formas mais suaves e liberais. A recusa das formas de vida cada vez mais empobrecidas (e, ao mesmo tempo, cada vez mais próximas do totalitarismo tecnocrático, que Marcuse denomina “sociedade unidimensional”) leva também à possibilidade de se perguntar por outras formas e valores sociais, pela polimorfia que não mais se restringe aos processos repressivos de uma civilização esgotada e que encontra, até mesmo na natureza, o clamor por uma transformação qualitativa da vida.

¹ *Infra*, p. 5.

Ideias como essas fazem de Marcuse um autor que reverbera a revolução cultural de seu tempo. Seu nome se popularizou em fins da década de 1960 com a insurgência dos movimentos políticos do período, que punham em tela um conjunto de novas fronteiras: dos protestos contra a Guerra no Vietnã às manifestações por direitos civis do movimento negro nos EUA, das lutas decoloniais do Terceiro Mundo ao feminismo, do movimento estudantil ao ativismo ecológico. Tudo isso sem perder de vista a potência revolucionária da classe operária, mesmo quando ela é contrariada pela fantasia do padrão de vida (e do consumo de mercadorias) estabelecido. Certamente, a Grande Recusa é uma boa chave para entendermos o significado de “sujeito revolucionário”, tão recorrente nos debates marcuseanos. Modo negativo e indeterminado que explicita e explode a estrutura social de dominação, ainda que difusa, essa subjetividade transformadora e emancipatória é o *locus* privilegiado da recusa radical. Os volumes desta coleção não se furtam a evidenciar um elemento tão central.

Também nos valem do conceito marcuseano em outro aspecto essencial, pois a negação que a Grande Recusa contém anuncia a necessidade de um novo vocabulário e de novas sensibilidades e racionalidades expressas no cotidiano dos conflitos, as quais fazem da libertação um processo dialético tanto individual quanto social. O convite freudo-marxista de Marcuse ocupa essa fronteira, e o campo de indeterminações dessa recusa exige um trabalho cuidadoso de traduções. Nesse sentido, nossa coleção se vale da publicação não só de textos de Marcuse às vezes pouco conhecidos no Brasil, mas também do desafio a intelectuais e ativistas para pensarem a Grande Recusa hoje.

As traduções dos ensaios de Herbert Marcuse também são acompanhadas por notas introdutórias da organização de cada volume para contextualizar a leitura e as lutas que atravessam os tempos. Trata-se de um trabalho valioso para ambientar o calor das palavras marcuseanas, sempre mobilizadas pelo espírito crítico e pelo diagnóstico aguçado das contradições de sua época. Acrescentamos que no fim de cada volume há dois índices — onomástico e remissivo —, produzindo um mapa das inúmeras referências mobilizadas pelo pensamento marcuseano, que atravessa a filosofia clássica e o idealismo alemão, o marxismo e a psicanálise, a sociologia mais avançada e os manifestos mais combativos do campo político e cultural. Damos também a referência bibliográfica completa das obras citadas, convidando a leituras e pesquisas sobre os temas selecionados.

Advertimos que nem todos os volumes da Coleção são textos do próprio Marcuse. As publicações são variadas e se adaptam ao tema em debate. Com isso, apresentamos ao público brasileiro diversos ensaios do filósofo e procuramos atualizar sua leitura introduzindo discussões e temas de interesse geral. Atualizado por variadas pesquisas, o pensamento marcuseano assinala a urgência de intervir e fortalecer ainda mais a recusa de um debate em que circulam as mesmas ideias e os mesmos modos integrados de fazer uma oposição unidimensional. Cada volume apresenta uma faceta diferente do pensamento marcuseano e, com isso, encruzilhadas possíveis para quem lê seus textos sob a ótica contemporânea. Assim, propomos nesta coleção debates de interesse público que apontam a necessidade de pensar criticamente as lutas mais centrais da política, da economia, dos modos de trabalho e consumo, da pulsão erótica das fantasias, dos modos como produzimos e reproduzimos saberes e conhecimento. É o que anuncia a Grande Recusa: ao rejeitar as coisas como são, vislumbramos a possibilidade de transformá-las para a libertação.

A proposta da Coleção responde à necessidade de criticar a perspectiva que reduz Marcuse a um autor datado dos anos 1960. Naquele período, os movimentos sociais mobilizaram o teórico crítico para o campo de novos conflitos num momento em que o capitalismo se reinventava diante de suas crises mais profundas. Marcuse denunciava o recrudescimento da contrarrevolução preventiva do capitalismo, que assumia cada vez mais a forma do que hoje denominamos *neoliberalismo*. Na época, o autor era alvo da crítica tanto da direita conservadora quanto de movimentos partidários comunistas.² Essas críticas ressoam ainda hoje: os livros de Marcuse continuam no *index* da Nova Direita, que o associa — ao lado de Antonio Gramsci e Paulo Freire — ao papel de líder “autoritário” daquilo que ela denomina pejorativamente “marxismo cultural”, modelo pelo qual o movimento marxista pretendia uma revolução dos valores que visa “malignamente” destruir a civilização ocidental. Em geral, essa estratégia procura mobilizar o medo das pessoas, terror que impede o pensar e o sentir submetidos a discursos de ódio. Para tanto, o pensamento conservador da Nova Direita rotula como “perigosos” autores como Marcuse.

Decerto, ele o é. Maniqueísmos à parte, o pensamento marcuseano — e sua Grande Recusa — sempre se engajou nas lutas sociais e nas potencialidades de transformação social num horizonte emancipatório.

² Sobre esse contexto, ver KELLNER, Douglas, *Herbert Marcuse and the Crisis of Marxism*, 1984.

Apoia-se numa transvaloração dos valores que não se reduz à falsa dicotomia entre ocidente e oriente, entre polos de guerras frias ou quentes, mas ouve o clamor das ruas por uma vida digna. Sabe-se que, embora haja um modelo mais confortável e liberal de democracia, enquanto a sociedade estiver baseada em desigualdades e dominação (ou mesmo na mais perversa competição entre desiguais), a verdade de todo esse sistema está no inferno que se produz nas periferias, para os condenados da Terra. O “perigo” marcuseano está em atualizar uma crítica democrática da democracia, uma crítica não “tecnofóbica” da tecnologia, uma crítica da vida erótica que não se atenha a sua degradação. O “perigo” que Marcuse oferece está em ocupar fronteiras pouco exploradas do debate e, assim, escapar ao maniqueísmo que manipula os afetos para uma antipolítica.

E que esta Coleção não desperte apenas um sentimento de nostalgia. Há uma memória histórica na teoria crítica que tanto resgata o pensamento marcuseano quanto nos provoca a ir além dele. Ao retomar o legado de seu professor Marcuse para os desafios de hoje, Angela Davis nos desafia: devemos impelir sua potência histórica do passado para mobilizar categorias do presente e, assim, “explorar terrenos que ele mesmo jamais teria imaginado”.³

No Brasil, desacostumamo-nos de pensar com Marcuse. Embora tenha sido um autor *pop* nos anos 1960, pouco foi debatido como modelo crítico. Sua recepção inicial foi pelas beiras, relativamente distante da produção acadêmica. As traduções de seus textos acompanhavam o ritmo das revoltas, e seus livros mais populares ocupavam as livrarias à época, o que fez seu nome chegar ao pensamento estético da contracultura e, em relativa penumbra, ao movimento estudantil.⁴ Com o arrefecimento das lutas, o nome de Marcuse parece relegado ao esquecimento: não figura em publicações de divulgação das obras de filosofia, como a coleção *Os Pensadores* (1973–1975), cujo volume dedicado à Escola de Frankfurt contempla Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Jürgen Habermas.⁵ Contra esse esquecimento, Marcuse ganha novo fôlego com a publicação de textos inéditos no Brasil nos anos 1990, organizados pela professora Isabel Loureiro e os professores Wolfgang Leo Maar e Robespierre de Oliveira.⁶

³ DAVIS, Angela, “Os legados de Marcuse” [2004], *Margem esquerda*, vol. 30, 2018, p. 146.

⁴ SOARES, Jorge, “A recepção das ideias de Marcuse no Brasil”, in *Marcuse: uma trajetória*, 1999, pp. 193–204.

⁵ Cf. BENJAMIN, Walter *et alii*, *Textos escolhidos*, 1975.

⁶ MARCUSE, Herbert, *Cultura e sociedade*, vol. 1, 1997 e vol. 2, 1998 e *A Grande*

No plano internacional, Douglas Kellner e Peter-Erwin Jansen publicam (respectivamente, nos EUA e na Alemanha) coletâneas com ensaios do autor.⁷ Trata-se de textos que se debruçam sobre os arquivos de Marcuse, que se encontram tanto nos EUA⁸ (com o especial cuidado de Harold Marcuse) quanto nos Marcuse Archive na Biblioteca da Universidade de Frankfurt.⁹ Seguindo ainda em águas internacionais, os estudos marcuseanos ganham novo impulso em 2005, com a formação da International Herbert Marcuse Society (IHMS), responsável por promover conferências bianuais, com participação de *scholars* e ativistas de todo o mundo, bem como por divulgar e publicar textos inéditos de Marcuse ou sobre ele.¹⁰

Nossa coleção situa-se, pois, nesse contexto de redescobertas, com as quais talvez possamos reencontrar o pensamento marcuseano e a potência de sua análise e, com isso, recuperar um lugar importante da crítica: aquele da Grande Recusa, a lembrar que recusar-se a jogar o jogo pode ser o fato que deflagra o fim de um período.¹¹

Recusa hoje, 1999. Isabel Loureiro também organizou e traduziu um volume com os textos psicanalíticos de Marcuse em *Cultura e psicanálise*, 2001. Mais recentemente, temos a tradução de *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*, 2015. Algumas traduções também podem ser encontradas em revistas acadêmicas.

⁷ A partir de 1998, Douglas Kellner organizou os seis volumes dos *Collected Papers of Herbert Marcuse*, reunindo textos publicados e inéditos do autor. De modo similar, a partir de 1999, Peter-Erwin Jansen organizou os seis volumes dos *Nachgelassene Schriften*. Em geral, os volumes se orientam pelas considerações de Marcuse sobre o advento do nazismo, da sociedade tecnológica, da dimensão estética, da democracia burguesa e dos movimentos da Nova Esquerda, além de reflexões sobre a teoria crítica, o marxismo e a psicanálise. Um dos volumes da coletânea de Kellner foi traduzido para o português: *Tecnologia, guerra e fascismo: coletânea de artigos de Herbert Marcuse*, 1999.

⁸ Online em <https://www.marcuse.org/herbert/index.html>.

⁹ Online em <https://www.ub.uni-frankfurt.de/archive/marcuse.html>.

¹⁰ Em especial, a partir da parceria da IHMS com a *Radical Philosophy Review*, alguns volumes do periódico trazem artigos mais recentes em conexão com tópicos contemporâneas do pensamento marcuseano. Recentemente, o grupo publicou alguns volumes com textos inéditos e comentados do autor: *Paris Lectures at Vincennes University, 1974: Global Capitalism and Radical Opposition*, 2015; *Transvaluation of Values and Radical Social Change: Five Lectures (1966–1976)*, 2017; *Ecology and the Critique of Society Today: Five Selected Papers for the Current Context*, 2019. Aproveitamos para agradecer aqui aos membros da IHMS pela contribuição na composição de nossas notas, ajudando a contextualizar os textos de Marcuse para o público brasileiro.

¹¹ MARCUSE, Herbert, *O homem unidimensional* [1964], 2015, p. 240.

Em seu relato sobre a recepção de Marcuse no Brasil, Paulo Arantes nos leva ainda mais longe e ressalta nosso sentimento dialético:

[...] a Grande Recusa não é mesmo conosco, salvo no dia em que se descobrir que o futuro já chegou e é isso mesmo que estamos vendo, desintegração social impulsionada pelo programa suicida da economia mundializada. Quando esta experiência inédita se cristalizar de vez, Marcuse será finalmente compreendido na sua verdadeira dimensão.¹²

O alarme de incêndio ressoa nas páginas desta Coleção. Esperamos que não tarde demais.

Silvio Carneiro
Diretor da Coleção Grande Recusa

¹² ARANTES, Paulo, “Recordações da recepção brasileira de Herbert Marcuse” [1998], in *Zero à esquerda*, 2004, p. 153.

PAPEL AVENA 80 g/m²
IMPRESSO NA GRÁFICA E EDITORA GRAPHIUM
SÃO PAULO | BRASIL | MARÇO DE 2024



Este livro tem importância política e teórica. Política, porque chega num momento muito oportuno em que demonstra sua atualidade: a defesa da liberdade — hoje cada vez mais rara — em nexos com igualdade, solidariedade, cooperação e felicidade num outro projeto de sociedade. Nunca se falou tanto em liberdade e nunca ela foi tão descaracterizada, vilipendiada e sequestrada no mundo dominado pela acumulação capitalista, ao qual devemos servir e que não temos a liberdade de criticar e substituir. Eis o verdadeiro caminho da servidão!

O livro é igualmente importante por sua contribuição teórica, pois enriquece a reflexão filosófica, sociopolítica, econômica e cultural com a discussão dos problemas das relações com a natureza, inclusive a natureza humana, as necessidades e a sensibilidade. Marcuse procura analisar as consequências da imposição da sociedade capitalista sobre os indivíduos em termos de mudanças na “natureza humana”.

A revolução como conquista do poder pelo assalto ao Estado, tal como apreendida em sua formulação clássica, é insuficiente se dela não resultam um redirecionamento no plano produtivo e uma configuração social com equidade de condições e organização pública da vida coletiva. Isto é: se da libertação não resultar liberdade com relação à forma da sociedade. Nesse caso, instala-se um continuum sociopolítico, cuja expressão contemporânea são o mundo neoliberal e sua versão própria da racionalidade e da sensibilidade. Esse é o problema fundamental posto por Marcuse no Manifesto Libertário que é *Um ensaio sobre a libertação*, uma tradução perfeita da crítica e da oposição à sociedade opressora avessa a tudo que não é espelho.

Wolfgang Leo Maar

ISBN 978-65-88230-07-7

